

O POVO DO SERIDÓ TRAJA BEM NA FANTASIA: a construção do espaço seridoense através das aparências (Rio Grande do Norte, séculos XIX-XX)

João Quintino de Medeiros Filho¹

Artigo recebido em: 11/11/2023

Artigo aceito em: 08/07/2024

RESUMO:

O presente escrito investiga os caminhos da construção do Seridó potiguar como espaço regional através das aparências, durante os séculos XIX-XX, associando esse processo às práticas da modernidade. A discussão do espaço parte das ideias de Durval Muniz de Albuquerque Júnior (1999), que reconhece o conceito enquanto construção marcada e demarcada através da repetição de enunciados e imagens. Procura-se analisar textos produzidos e veiculados pela imprensa seridoense, buscando encontrar as possíveis relações com as ideias modernas que circulavam no mundo ocidental, no tocante a padrões estéticos, cuidados com o corpo e formas de comportamento, problematizando as táticas de mimetização das modas enquanto estratégias para a edificação de uma identidade regional.

PALAVRAS-CHAVE: Seridó. Espaço. Região. Moda. Aparências.

THE PEOPLE OF SERIDÓ DRESS WELL IN COSTUME:

the construction of seridoense space through appearances (Rio Grande do Norte, 19th-20th centuries)

ABSTRACT:

This writing investigates the paths of construction of Seridó Potiguar as a regional space through appearances, during the 19th-20th centuries, associating this process with the practices of modernity. The discussion of space is based on the ideas of Durval Muniz de Albuquerque Júnior (1999), that recognizes the concept as a marked and demarcated construction through the repetition of statements and images. The aim is to analyze texts produced and published by the Seridoense press, seeking to find possible relationships with modern ideas that circulated in the Western world, regarding aesthetic standards, body care and forms of behavior, problematizing the tactics of imitating fashions as strategies for building a regional identity.

¹ Mestre em História. Docente da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).
Currículo: <https://lattes.cnpq.br/5693542500366891>. Identificador ORCID:
<https://orcid.org/0009-0008-1503-1981>. E-mail: joao.quintino@ufrn.br.

KEYWORDS: Seridó. Space. Region. Fashion. Appearances.

1. Fiando e tecendo: como introdução

– O povo do Seridó
Traja bem na fantasia,
Admirou-me a decência
Na roupa de Zé Garcia
Aquele sim, é um rapaz
Que as moças têm simpatia.
(Silva, 2011, p. 15)

Vestir o espaço com palavras, vesti-lo é possibilidade parecendo metáfora; vesti-lo vestindo os seus corpos com vestes literais, decorando-os com poses e gestos gravados em imagens e escritos, aproxima-se de vesti-lo como um espaço corporificado. Tecemos o caminho: entender como se deu a construção do Seridó potiguar enquanto espaço regional através das aparências, durante os séculos XIX e XX, associando esse processo às práticas da modernidade².

A região do Seridó localiza-se no centro-sul do Rio Grande do Norte, semiárido nordestino, dizendo respeito aos velhos limites da Freguesia da Gloriosa Senhora Sant’Anna, criada em 1748; sediada na Vila do Príncipe, instituída em 1788. O Seridó possui uma cartografia histórica e culturalmente construída, constituindo-se pelos municípios de Acari, Bodó, Caicó, Carnaúba dos Dantas, Cerro Corá, Cruzeta, Currais Novos, Equador, Florânia, Ipueira, Jardim do Seridó, Jardim de Piranhas, Jucurutu, Lagoa Nova, Ouro Branco, Parelhas, Santana do Seridó, São Fernando, São João do Sabugi, São José do Seridó, São Vicente, Serra Negra do Norte, Tenente Laurentino Cruz e Timbaúba dos Batistas (Araújo; Diniz, 2019)³.

Eis que, entre os séculos XIX e XX, o algodão vestiu o Seridó de sentido, mas não somente ele o fez, não apenas os tecidos o fizeram, nem tampouco a moda de vestir deve tê-lo conseguido sozinha. Serão as aparências a executar essa tarefa de difícil engendramento e de resultados fugidios? A moda, a beleza e o

² Buscamos o conceito de modernidade nas reflexões de Marshall Berman, inspiradas na frase de Karl Marx: “tudo o que é sólido desmancha no ar” (Marx, 2000, p. 15).

³ O Seridó é uma região interestadual, banhada pelo rio Seridó e seus afluentes. O Seridó potiguar foi dividido em Ocidental e Oriental pelo IBGE, em 1989 (Dantas; Moraes, 2001).

comportamento – qual colcha de retalhos, com emendas colaborativas –, podem haver trabalhado numa atividade que também caracterizou a região e a sua gente nos discursos escritos e imagéticos, fazendo crer que o Seridó era um e não outro?

Ao mesmo tempo em que um discurso se erigia sobre o espaço regional seridoense, tomando por base a qualidade do algodão ali produzido, imagens modelares e textos de exortação, somados a práticas culturais, contribuíam para a construção do Seridó como lugar da boa aparência, da adesão à moda, dos bons modos. Produziam-se efeitos de sentido, significados e processos identitários, como se pode ver nas imagens fotográficas executadas desde os fotógrafos itinerantes até os fotógrafos seridoenses; como ainda se percebe nos escritos dos periódicos regionais a indicarem modas, estéticas e comportamentos ideais.

O presente texto vislumbra esse olhar, buscando entender se o espaço regional não se constituía simplesmente enquanto locus da tradição e da permanência, mas atuava como laboratório da modernidade e da mudança, quando os padrões estéticos de exibição individual dialogavam com o efêmero, pelas constantes alterações e novidades anunciadas pelos impressos, replicadas nas fotografias, ditas e vistas aqui e ali. Este croqui se constrói com o mirar de quem acredita na possibilidade de o espaço seridoense ter-se erigido não somente pela tradição, mas ainda pela modernidade, sendo o viés das aparências uma das suas mais importantes manifestações.

Assim, se os nossos recortes espaciais podem ser buscados no que se convencionou chamar de sertão do Seridó, o seu liame temporal diz respeito à presença de fotógrafos itinerantes na transição entre os séculos XIX e XX e à emergência de fotógrafos seridoenses no início do novo século; bem como à circulação de periódicos exortando sobre as aparências, as modas e os modos; aos marcos dos certames estéticos que parecem nos dar pistas da relevância do parecer para a construção de uma espacialidade que fora escrita e vestida pela sua sociedade.

2. Seridó arcaico: costurando o espaço com as palavras

Os cortes e as costuras que fazemos com o tema da construção do Seridó enquanto espaço e identidade passam pelas compreensões dos alfaiates da escriturística seridoense. Esses referenciais servem como aportes centrais para o tema da invenção de certa espacialidade no sertão do Rio Grande do Norte, considerando a questão discursiva como eixo essencial.

A produção textual e imagética do Nordeste do Brasil, erigida como espacialidade a partir das relações de poder, em cujo processo se apresenta, com regularidade, a repetição de certos enunciados a definirem a região, foi tema estudado por Durval Muniz de Albuquerque Júnior (1999). Assim, os significados vistos e ditos povoam os discursos que dão historicidade à sua construção ou à sua invenção, em que a produção discursivo-imagética pensa a região como inventada por uma visibilidade e por uma dizibilidade. Como ele afirma:

Tanto na visibilidade quanto na dizibilidade articulam-se o pensar o espaço e o produzir o espaço, as práticas discursivas e as não-discursivas que recortam e produzem as espacialidades e o diagrama de forças que as cartografam. Definir a região é pensá-la como um grupo de enunciados e imagens que se repetem, com certa regularidade, em diferentes discursos, em diferentes épocas, com diferentes estilos e não pensá-la uma homogeneidade, uma identidade presente na natureza (Albuquerque Júnior, 1999, p. 24)

Desse modo, de acordo com Albuquerque Júnior, o tecido geográfico que se associa aos bordados culturais é uma construção feita nas entrelinhas dos discursos, nas bordas e nas fendas das imagens, abarcando enunciados que se percebem como recorrentes. A homogeneização do espaço é o resultado de uma estratégia que visa a construção do estereótipo, que parte de centros de poder, permitindo ver e dizer o espaço e os seus habitantes como tais, unívocos, cristalizados, naturalizados.

A visão do Nordeste vestido por discursos e imagens oriundas de uma produção rica e diversa parece nos apontar a tendência predominante no croqui a ser desenhado para vestir a região do Seridó. A compreensão de Albuquerque Júnior nos inspira a entender um espaço que não é preexistente à sociedade que o preenche. Esse espaço se veste e ele próprio pode ser a vestimenta: se um dia a sua

roupa era pintada de tradição, noutra possivelmente será costurada de modernidade, tornando-se viável e visível pelos traços componentes da sua silhueta.

A escrita pode ser entendida como uma prática que trabalha marcando e demarcando, instituindo discursos que erigem espacialidades através de textos e imagens, construindo e reconstruindo representações do real. O geógrafo David Harvey nos aponta uma compreensão:

Sob certos aspectos mais complexo que o tempo – tem direção, área, forma, padrão e volume como principais atributos, bem como distância –, o espaço é tratado tipicamente como um atributo objetivo das coisas que pode ser medido e, portanto, apreendido. Reconhecemos, é verdade, que a nossa experiência subjetiva pode nos levar a domínios de percepção, de imaginação, de ficção e de fantasia que produzem espaços e mapas mentais como miragens da coisa supostamente “real” (Harvey, 1992, p. 188)

Portanto, defendemos *a priori* que o Seridó se construiu como espaço cultural pensado através das marcas e demarcações propiciadas pelas aparências, a resultarem em babados, frufus, plissados, aplicações e bordados, mas também rasgados, esgarçados, cerzidos, remendados e sobreposições. Cortes e recortes de um trabalho lento e gradual, que se esboça aqui, se costuram ali e se veste lá: o Seridó se apresenta, então, como um corpo que se exhibe na festa das regiões, com o melhor vestido que para ele se pode costurar. A historiadora Olívia Morais de Medeiros Neta reflete:

Assim, a historiografia sobre o Seridó é indagada quanto às representações de espaço, estas sendo apreendidas a partir da noção de rostidade⁴ que nos possibilita pensar as configurações espaciais [...] [em que] cada narrativa constitui um rosto, uma noção e uma produção dos autores para o espaço (Medeiros Neta, s.d., p. 4)

A visibilidade regional do Seridó foi construída pela recorrência de enunciados em discursos fortemente marcados por padrões identitários, vigorantes na memória social, se engendrando a partir das instâncias religiosa, política, socioeconômica e educacional, como lembra Muirakytan Kennedy de Macêdo (2012). Edificando-se desde os fins do século XVII, através das práticas econômicas

⁴ A autora utiliza o conceito de rostidade tal como discutido por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1996), segundo quem o rosto é formado pela linguagem, em que as palavras formam, demarcam e ordenam.

vinculadas à atividade criatória, ao cultivo do algodão e à mineração, principalmente, o espaço regional foi conformado aos limites originais traçados pelos poderes eclesiástico e civil.

Em seus primórdios como lugar, o Seridó foi uma ribeira que se povoava de fazendas, em seguida vindo a surgirem os arruados primevos, até darem-se as primeiras tentativas de regionalização nos atos fundadores da Freguesia da Gloriosa Senhora Sant'Anna (1748) e da Vila do Príncipe (1788). Assim, no plano cartográfico foi-se constituindo um território de ordem fiscal, espiritual e política, entremeando-se as fronteiras regionais relacionadas a esses misteres. No século XIX, o regionalismo seridoense começou a ser edificado e explorado como elemento discursivo – refletido, visto e dito pelas falas de suas elites – inaugurando-se com o manuscrito de Manoel Antônio Dantas Corrêa, em 1847, cujo texto dialoga com a Bíblia para mostrar o Seridó enquanto espaço agônico, de provação e promessa.

Assim, ainda segundo Muirakytan Macêdo (2012), se a vertente religiosa providenciava uma base cristã para o espaço em processo de construção, a política ancorava-se no domínio oligárquico e a socioeconômica elegia a cotonicultura como lastro, enquanto a vertente educacional buscava amparo na instrução formal, tanto pública quanto privada. Dessa combinação deu-se o Seridó e o seu regionalismo.

Muirakytan Macêdo perscruta sobre a representação do seridoense, refletindo o encontro de um “tipo físico”, mas também de uma estética, o que só será esboçado em fins do século XIX, adjetivando-se “[...] como a encarnação virtuosa dos costumes sertanejos aferrados à rotina e ao conservantismo [...]” (Macêdo, 2012, p. 33): a atualização dessa imagem seria proporcionada pela modernidade, no tempo em que emergia a riqueza algodoeira sobrepondo-se à pecuária, o que veio a instituir uma “nova *dizibilidade* do Seridó e conseqüentemente do seridoense” (Macêdo, 2012 p. 33, grifo do autor). Criticava-se o sertanejo aferrado à tradição, enquanto buscava-se um novo tipo humano, que deveria ser construído através da revolução nos costumes promovida pela educação formal.

Nas primeiras décadas do século XX, quando o algodão virou o tema central das elites regionais, esse produto gerou uma simbologia para a região, associando-a ao moderno, ao urbano, ao novo. Para o autor, ao longo desse processo, o “dizer-se e fazer-se seridoense” foram ritualizados, mostrando-se através de “sua estética, sua dietética, sua história, sua cultura” (Macêdo, 2012, p. 33). Nas cidades, onde começaram a se publicar periódicos e a aparecer fotógrafos, imagens circulavam em escritos e em fotografias, nas iniciativas de uma pedagogia dos comportamentos a partir de exortações de como ser e de aparências ideais a serem mimetizadas.

Um dos autores clássicos do regionalismo seridoense, Juvenal Lamartine de Faria reportou-se a um tempo entre o século XIX e o começo do XX. Qual erudito que rememora o vivido e aquilo de que se ouviu dizer, enriquecendo a sua narrativa com informações e explicações de outros autores, ele descreveu as práticas e costumes regionais, numa linha que se aproxima da História do Cotidiano.

Em sua obra, o capítulo relativo às Indumentárias busca caracterizar um traje sertanejo, das roupas de uso diário às festivas, dos trajes e adornos dos abastados aos dos pobres. Apesar de caracterizar as vestimentas sertanejas como bastante simples, faz referência a tecidos e outros materiais importados consumidos pelas pessoas de posses. Ou seja, os costumes sertanejos relacionados às aparências já sofriam efeitos dos contatos com o mundo exterior, não eram tão puros e originais como se pode pensar, pois que, pelo menos no âmbito de certa abastança, havia um diálogo com o moderno. Ei-lo:

Também pelo sertão, embora uma vez perdida, passou moda extravagante. É que durante certa época, que não vingou, alguns homens, mesmo abastados, usaram, na intimidade, chambres de cores vistosas. Era o grotesco berrante contrastando com a paisagem sertaneja, sempre tão cinzenta (Faria, 2006, p. 30)

As palavras de Juvenal Lamartine confirmam a construção do sertão como espaço tradicional, monótono, gris ou monocromático, repetindo uma imagem que nos parece recorrente em muitos textos evocativos desse lugar como sendo o da tradição. As modas eram extravagâncias, que provocavam estranhamento por

colorirem os cenários da vida com o desconhecido dos tons. A expressão “uma vez perdida” queria dizer quase nunca. Atente-se para uma questão de gênero: a referência ao exagero da moda diz respeito ao vestir-se com cores por parte dos homens.

Então, entre a descrença e a fé, existiu um traje sertanejo, autêntico e singular, como se apregoa apressadamente, sem que se ative o mecanismo da dúvida? Intentamos refletir sobre essa questão, partindo do pouco que já se escreveu sobre o vestir-se na região do Seridó e buscando as fontes ainda não estudadas – os periódicos – que abrem os nossos olhos para a contribuição do parecer no processo de produção espacial da região como corpo que se veste de modernidade.

Para bem além do que se discutiu acima, o Seridó fez de atividades relacionadas ao parecer as fontes de riqueza para muitas famílias e localidades: em nossa contemporaneidade, os bordados e a bonelaria viraram marcas da qualidade, do talento e do bom-gosto seridoenses, a ponto de ganharem visibilidade nacional. Uma costura que principiou bem cedo, pelo conhecer de modas e de modos, pela educação dos gestos e dos comportamentos, pela idealização dos corpos, pelo elencar das belezas mais próximas de um ideal de perfeição. Assim, defende-se, neste escrito, que o Seridó também se construiu pelas aparências.

Circulando paralelamente aos mais reconhecidos móveis de constituição de uma identidade seridoense, as aparências, de modo talvez sub-reptício, irromperam para além dos discursos regionalistas consagrados, através de imagens produzidas pela fotografia e idealizadas nos textos dos periódicos. Então, a esfera do parecer pode questionar a construção do Seridó como o lugar da tradição e do arcaísmo, reduzido pela imobilidade e pelo conservantismo cultural, como tanto já se bradou?

Para tentar o trânsito entre tradição e modernidade, Chico César cantou o seu “umbigo do sonho” (Freud, 2019, p. 575), dando a falar as suas imagens sonoras:

Ah, Caicó arcaico,
em meu peito catolaico

tudo é descrença e fé,
Ah, Caicó arcaico,
meu cashcoeur mallarmaico
tudo rejeita e quer.⁵

3. Rejeição e desejo: o Seridó vestido pelas aparências

Transcendendo a canção, a ideia essencial a ser discutida neste estudo é a de Aparências, conforme o entendimento de Daniel Roche (2007). Certamente, o conceito de aparências (ou de parecer) é amplo, porque extrapola a noção de moda enquanto sistema de produção, circulação e consumo apenas de roupas. Trata-se de uma constante busca de novidades no campo da exibição individual, em que padrões se sucedem numa sazonalidade, a incluïrem os trajes, os acessórios, as maneiras de arrumar os cabelos, os tons e jeitos de decorar a face, os gestos e as expressões, num diálogo permanente entre “a máscara e a verdade das aparências”, um jogo de esconde-esconde entre as suas contradições e ludicidades (Roche, 2007, p. 511).

Fala-se, aqui, da relação entre formas e modas, porque estas últimas objetivam disfarçar, encobrir, realçar ou valorizar o corpo. As aparências são o resultado de investimento na apresentação do corpo diante dos olhos: sejam dos seus próprios, no espelho; sejam dos alheios, nos ambientes coletivos ou nos espaços íntimos. Daniel Roche olha para as aparências dentro de uma visão de circularidade, quando a preocupação em bem parecer migra do lugar de uma alta sociedade, para adentrar nas práticas populares, encadeando-se num “todo cultural”, porque

A História da roupa ajuda a desafiar os modos de classificação habitualmente empregados: o popular e o erudito, o dominado e o dominante, o rico e o pobre, a cidade e o campo, a criação e o consumo, o real e o imaginário (Roche, 2007, p. 504-505)

Vendo-se assim, o princípio dessa relação anunciava que a tradição era valorizada pelo grupo e vivida em público, enquanto a modernidade associava-se ao indivíduo e ao privado, mas a combinação de ambas pareceu prevalecer. Então, da

⁵ Versos de “A prosa impúrpura do Caicó”, canção composta por Chico César e gravada no disco “Aos vivos”, em 1995.

sociedade cortesã a aparência espalhou-se pelos setores médios, indo chegar aos subordinados; das urbes atingiu as províncias e finalmente os recônditos rurais, onde os trajes já oscilavam entre o cotidiano modesto e a festa ornamental. Diz-nos o autor: “Em sua diversidade, a roupa criou uma linguagem comum de alto a baixo na sociedade. Tão desejada quanto necessária, representou um agente de transformação social, pois carregava consigo uma incitação à mudança” (Roche, 2007, p. 508).

As palavras de Daniel Roche prosseguem atinando para a teatralização da aparência, quando a máscara funciona enquanto expressão da individualidade, espécie de representação, que tanto libera quanto oprime. Assim, o indumento também aparece como um jeito de pensar o sensível, e as suas funções social e cultural só podem ser lidas como um código de comunicação, uma forma de linguagem. Dá-se, portanto, um efeito do que é visto sobre quem vê, isso porque

A cultura das aparências é antes de tudo uma ‘ordem’. Para compreendê-la, é necessário aprender a linguagem que permite a comunicação num domínio estranho e, portanto, mobilizador do imaginário, em que o espiritual e o material se misturam com uma força particular. O mental então se torna corporal, o corpo individualizado exhibe os traços fugidios da pessoa, e a roupa revela as correspondências ocultas entre substância e espírito. [...] A roupa, como o livro, exige domínio de um corpo de informações, que aumenta em volume e complexidade (Roche, 2007, p. 513)

Então, se em tempos outros o gesto informava, na modernidade a roupa comunica. As aparências dadas como representação teatralizada se conflitam com a política e a moral do mundo de outrora, já que se manifestou nos debates gerados em torno de uma herança iluminista. Questionando a noção de progresso – cíclica, e a de tradição – efêmera, a moda é fruto de um movimento histórico duplo, rumo ao triunfo da arte e do luxo, bem como da igualdade e da democracia. A cultura das aparências deu margem a que se indagasse textos e imagens de outro modo, contribuindo com o surgimento de outra arte de viver, a unir o todo e a parte, o coletivo e o indivíduo.

A nossa procura pelas aparências relacionadas à produção de uma espacialidade ancora-se no conceito de modernidade conforme discutido por Marshall Berman:

Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia (Berman, 2000, p. 15)

Da teoria para a prática. A tipologia de fontes históricas de que nos valem para a costura do estudo sobre a construção do Seridó como espaço regional através das aparências comporta fotografias e periódicos. Aquelas e estes podem ser vistos desde o deslocamento de um campo de desconsideração para o de centralidade na pesquisa, a partir dos avanços na produção do saber histórico, provocados pela História Nova e para além dela, implicando no reconhecimento de objetos, problemas e abordagens não observados até a terceira geração dos *Annales*, que atuou na segunda metade do século XX. Aquelas e estes ainda podem ser vistos como agentes da modernidade, arautos de um novo tempo que lançou suas prédicas visuais e textuais no Seridó potiguar, ajudando-o em sua elevação arquitetural enquanto espaço.

Além dos relicários de imagens dos acervos individuais e familiares, dispomos da nossa própria coleção de fotografias impressas, reunião de guardados familiares, além daqueles impressos iconográficos que ganhamos como presentes e outros adquiridos por compra ao longo da vida. Ainda acreditamos possuir o maior acervo de registros imagéticos sobre os certames de beleza do município, da região e quiçá do Estado do Rio Grande do Norte, que temos juntado desde a adolescência, sem saber ainda que nos seriam úteis para o exercício do ofício que abraçamos.

As imagens fotográficas compõem a nossa tipologia de fontes de pesquisa, sendo essenciais para a compreensão do tema do parecer, posto que assim se busca uma visualidade das aparências desejadas ou conseguidas pelo auxílio do traje, do acessório, da pose, do gesto. A fotografia permite perceber a moda enquanto prática cultural, material, vestível, palpável, visível, uma arte que se movimenta ao sabor do vento, no calor dos arroubos corporais; que se dobra, que se abre, que se fende.

Para este artigo, no entanto, preferimos dar maior destaque às fontes hemerográficas, especialmente os jornais e as revistas, guardadas em acervos públicos e particulares.

Os jornais impressos integram as fontes que reunimos para o desenvolvimento desta pesquisa, na perspectiva de uma História escrita por meio da imprensa. No tocante aos periódicos, reconhecemos as possibilidades que ensejam para a construção de narrativas históricas, mas nos atemos a refletir sobre as problemáticas que implica esse trabalho. Tania Regina de Luca conta que a imprensa brasileira ocupou papel de relevância em diversos contextos históricos, mesmo considerando as altas taxas de analfabetismo no século XIX e começo do século XX, mas “os aspectos comerciais da atividade eram secundários diante da tarefa de interpor-se nos debates e dar publicidade às propostas, ou seja, divulgá-las e torná-las conhecidas” (Luca, 2014, p. 133-134). Segundo a autora,

de fato, jornais e revistas não são, no mais das vezes, obras solitárias, mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que torna projetos coletivos, por agregarem pessoas em torno de ideias, crenças e valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita” (Luca, 2014, p. 10)

sendo lugares e veículos de intelectualidades, afetividades e sociabilidades.

No rol das fontes hemerográficas, listamos uma dupla presente no acervo do Laboratório de Documentação Histórica – LABORDOC, do Centro de Ensino Superior do Seridó, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, campus de Caicó: O Binóculo (Caicó: 1916-1936)⁶ e o Jornal das Moças (Caicó, 1926-1932)⁷. Antes desses dois, faz-se necessário incluir o jornal O Povo (1889-1892)⁸, publicado na cidade do Príncipe, depois Seridó e Caicó, cuja coleção quase completa

⁶ De acordo com Kátia Solange Silva, o jornal O Binóculo, que funcionou “[...] sob a gerência de Ignácio Sobrinho e José F. Soares, teve a colaboração de redatores diversos” (Silva, 2015, p. 10).

⁷ O Jornal das Moças “[...] era dirigido pela professora Georgina Pires, gerenciado por Dolores Diniz e contava com as redatoras Júlia Medeiros, Santinha Araújo, Maria Leonor Cavalcanti e Julinda Gurgel, além da colaboração de Renato Dantas, Janúncio Bezerra da Nóbrega e José Gurgel de Araújo” (Silva, 2015, p. 11).

⁸ Segundo Olavo de Medeiros Filho, o periódico O Povo “pertencia ao Sr. José Renaud”, tendo como primeiros redatores Diógenes Celso da Nóbrega e Olegário Gonçalves de Medeiros Vale, depois a esses somando-se Manoel Gomes de Medeiros Dantas, Janúncio Nóbrega Filho e Leonidas Monteiro de Araújo (Filho, 2004, p. 11-16).

encontra-se disponível para a pesquisa na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Esse último periódico apresenta uma riqueza de textos sobre comportamento, além de outros assuntos concernentes à sociedade de Caicó e das cidades, vilas e povoados da redondeza, sem falar nos reclames relacionados ao comércio de roupas, acessórios e miudezas da principal cidade da região do Seridó.

As páginas de O Povo abriam-se para a divulgação dos empreendimentos comerciais da cidade de Príncipe/Seridó/Caicó⁹, que importavam produtos e materiais do Recife, em Pernambuco; como ainda de lojas localizadas em Natal, capital da província/estado. Eis um registro das relações dos comerciantes com os seus clientes, associando a aquisição de determinados artigos à ideia de modernidade:

Braz Cezarino, estabelecido nesta Cidade do Príncipe, científica ao respeitável público e aos seus numerosos fregueses que em seu antigo estabelecimento encontrarão sempre um completo sortimento, *moderno*, e de gosto, como seja de fazendas, miudezas, perfumarias [...] e outros artigos, que vende por preços baratos (9 mar. 1889, p. 4, grifo nosso)

Trata-se de um exemplo de associação entre a tradição e a modernidade numa propaganda comercial: a loja de Braz Cezarino era tradicional, porque estabelecida há certo tempo, mas o que oferecia à sociedade era tido como moderno, porque novidadeiro. Além disso, a diversidade dos produtos disponíveis para a compra apresenta-se caracterizada como de gosto – ou de bom gosto –, marcando-se pela adequação e harmonia, assim como pela acessibilidade em termos de preço.

Alguns meses depois, o dito comerciante mandava imprimir no mesmo jornal um alerta de cobrança aos inadimplentes:

O abaixo assinado, pretendendo mandar para a praça do Recife no dia 10 do mês vindouro, roga aos seus fregueses que se acham em atraso que venham até aquele dia satisfazer seus débitos, para que a chegada de novo sortimento possam fazer novas compras. [...] Braz Cezarino (O Povo, 21 set. 1889, p. 4)

⁹ Diz-nos Luís da Câmara Cascudo que num só ano, 1890, a cidade possuiu três topônimos: Príncipe, mudado para Seridó no primeiro dia de fevereiro, alterado para Caicó aos sete de julho (Cascudo, 1968, p. 167).

O texto tanto revela a conexão do comércio do principal município do Seridó com Recife, quanto faz pensar nas dívidas geradas pelo consumo dos artigos relacionados às aparências. Estar na moda tinha um custo e, na edição de 3 de agosto de 1890, referindo-se à Festa de Sant’Ana já finda, O Povo insinuava que “o comércio teve a sua semana de animação, e os pobres pais de família gereram deveras nas unhas dos negociantes, para poderem dar conta das meninas trajadas no rigor” (O Povo, 3 ago. 1890, p. 2).

O movimento de chegada de artigos comerciais era intenso, conforme se atesta pela propaganda da Casa Apolo, de Manuel Gonçalves de Medeiros Vale:

Para esta casa acaba o seu proprietário de trazer do Recife um variado sortimento composto de: algodões, madapolões; brins branco, prova de limão e outros; chitas; mitins; batistas; casimira preta, casinetas e outras fazendas. Perfumarias; fitas; bicos; enfeites para vestido e variado sortimento de miudezas [...] (O Povo, 22 jun. 1890, p. 4)

Para além de Recife, a cidade do Natal também se relacionava comercialmente com o Seridó, oferecendo artigos voltados para a busca da aparência ideal, conforme atesta a propaganda da Alfaiataria Aranha, localizada na Ribeira:

Este importante e acreditado estabelecimento comercial, tão conhecido e tão apreciado pelo mundo elegante desta capital e do centro, acaba de receber um variado e completo sortimento de – *coutume d’enfants*¹⁰, vestimentas a marujo para crianças de todos os tamanhos; bem como um enorme sortimento de calçados, chapéus, gravatas, sabonetes e outros muitos objetos de luxo.
Completo sortimento de enxovais para noivas, vestidos, capelas, grinaldas, véus [...] (O Povo, 28 dez. 1890, p. 4, grifo nosso)

Os produtos de moda diziam respeito não somente aos tecidos e miudezas de armarinho, mas também aos impressos que faziam circular as novidades no vestir, serviço oferecido pela Tipografia de José Renaud, que “encarrega-se de assinaturas de jornais de moda” (O Povo, 1 jun. 1890, p. 4). Desse modo, a população de Caicó e redondezas conectava-se aos centros de poder do mundo das aparências, recebendo deles, o que havia de mais moderno nessa área.

¹⁰ Costume infantil ou roupa de criança, tradução nossa.

A modernidade no trajar fazia-se possível para mulheres e homens, conforme se pode depreender por este reclame:

Dácio Justino de Oliveira previne ao respeitável público que continua estabelecido nesta cidade com alfaiataria na Praça do Mercado, nº 20, trabalhando pelos sistemas mais *modernos*, para o que recebe constantemente elegantes figurinos. Preços cômodos (O Povo, 1 jun. 1890, p. 4, grifo nosso)

E este outro, em que Olinto Guarita “avisa aos seus amigos e fregueses que acaba de chegar com um novo sortimento de chitas, madapolões, brins, algodões e muitas outras fazendas *modernas*” (O Povo, 13 jul. 1890, p. 4, grifo nosso).

Caicó possuía o serviço de tinturaria, pois

Teodora Rosalina da Nóbrega dá cores em todas as fazendas e roupas feitas. O freguês escolherá a cor do seu gosto. São muito baratos os preços porque faz dos serviços da sua arte, que já está muito conhecida tanto neste como nos municípios vizinhos (O Povo, 2 nov. 1890, p. 4)

Enquanto isso, os equipamentos para costura, uma invenção industrial do século XIX, tanto trabalhavam que danificavam-se, mas, para isso, Manoel Thomaz de Araújo dispunha-se a “[...] consertar máquinas de costuras, botando qualquer peça que falte, garantindo o bom desempenho do seu trabalho [...]” (O Povo, 30 nov. 1890, p. 4). Os serviços relacionados à confecção de roupas, assim como à sua manutenção, desdobravam-se cada vez mais, envolvendo um crescente número de pessoas.

O consumo de moda e de produtos e serviços relacionados às aparências certamente tinha elevado custo, sendo apanágio das famílias mais abastadas, mas é possível que outras pessoas começassem a integrar-se a esse sistema através das “ondas de imitação”, expressão de Gilles Lipovetsky (1997, p. 40). Um reclame, em especial, dá conta de informar a clientela da Alfaiataria Republicana, de Antônio Joaquim de Souza, que se localizava na Praça do Mercado:

Durante os poucos meses que foi aberta esta oficina tem estado continuamente trabalhando para as principais pessoas da localidade, como para a casa do senador José Bernardo, coronel Esequiel Fernandes, tenente coronel Clementino Monteiro, tenente coronel Damasceno, capitão Olegário Valle, capitão José Ignacio, capitão Felix Lopes, tenente

Gorgonio Ambrosio, Joaquim de Barros e muitos outros cidadãos importantes [...] (O Povo, 14 dez. 1890, p. 4)

Acompanhando a teorização de Lipovetsky, a difusão da moda faz-se pela imitação, já que “mais fundamentalmente, é em razão do desejo dos indivíduos de assemelhar-se àqueles que são considerados superiores, aqueles que brilham pelo prestígio e pela posição [...]” (Lipovetsky, 1997, p. 40). Então, o mimetismo no campo das aparências, dirigindo-se à moda e ao comportamento, teve uma propagação de cima para baixo, do centro para as margens, num processo perceptível em muitos lugares. Portanto, identificar clientes de proeminência social, como fez a Alfaiataria Republicana, em Caicó, despertaria o interesse dos iguais, como também a curiosidade e a atração dos diferentes.

O jornal O Povo não publicava imagens de moda – ilustrações ou fotografias –, mas ao noticiar certa associação feminina voltada para a reforma do vestuário, fundada em Paris, na França, descreve a nova maneira de vestir das mulheres:

Caminhando-se pelas ruas de Paris encontra-se de quando em quando uma outra senhora vestida com aquele traje singular: saia quase lisa e tão curta, que chega apenas ao tornozelo, casaco com o feitiço do dos homens, muito aberto na frente, deixando ver um peito de camisa muito branco e engomado, gravata e chapéu baixo. Completam a *toilette* o cabelo cortado como o dos homens e botas que chegam ao meio da perna (O Povo, 11 jan. 1891, p. 2, grifo nosso)

A nota do jornal apresenta uma outra estética feminina, numa época em que, se considerarmos o entendimento de Maureen Turim, acontece a

transição dos costumes e estilos vitorianos¹¹ aos mais modernos, culminando com a era do jazz, os Anos Loucos da década de 1920 e a melindrosa, como imagens e evidências da modernidade transcendente (Turim, 2002, p. 155)

A proposta de reforma da moda coincidia com a nova realidade europeia e norte-americana, em que a mulher começava a trabalhar em fábricas e escritórios, sendo “[...] parte de um projeto de liberação social e política [...]” (Turim, 2002, p.

¹¹ Relativo ao tempo do reinado de Vitória no Reino Unido (1837-1901), “‘o vitoriano’ nesse amplo e vago sentido, significa ‘o culto à verdadeira feminilidade’, que é definida como prescrita à esfera doméstica e uma ideologia concomitante, enfatizando os ideais de propriedade, decoro, auto-sacrifício e educação, não só social como maternal” (Turim, 2002, p. 156).

161). O redesenho ocidental do feminino repercutia no jornal O Povo e, através dele, o Seridó se aprontava para ingressar na modernidade.

Em fins do século XIX, portanto, a região do Seridó estava bem servida do comércio de tecidos e pertences para roupas, de impressos sobre moda, do trabalho de alfaiataria, da tinturaria e do conserto de máquinas de costura, sendo capaz de oferecer a quem pudesse pagar a possibilidade de atingir a aparência sonhada, de acordo com o que se pensava ser moderno. Aos poucos construía-se uma imagem da região e do ser regional derivado dessa fama, conforme a descrição de Manoel Rodrigues de Melo, primeiramente escrita em 1943:

As mulheres seridoenses, trigueiras e belas, comumente magras, raramente gordas, profundamente religiosas, montavam em andilhas, selas com armadura de madeira, cobertas de couro cortido, sobre-capa de sola, com encosto de madeira, sentadas de lado, com os pés nos estribos, vestindo montaria de brim ou alpaca. Com o silhão apareceu o guarda-pó de brim pardo ou creme.

A chapelinha, enfeitada de penas de pavão, garça ou ema cobria-lhes as cabeças em cores bizarras, defendendo-as do sol causticante do sertão.

À chapelinha seguiu-se a mantilha de rendão, descendo em três pontas pelas cruces e pelos ombros. Ao pescoço brilhavam os cordões de ouro e os trancelins; ao peito, os broches, barretes, figas, camafeus, mãozinhas de ouro segurando maçarocas de cabelo louro, divinos, espíritos-santos, São Brazes, cabecinhas de são joão; nos braços, pulseiras, braceletes (Melo, 1985, p. 128-129)

O mesmo Manoel Rodrigues de Melo registra os versos gritados nas vaquejadas – “Anima rapaziada/ Chapéu de couro/ calça engomada” –, espécie de bordão híbrido de tradição (chapéu de couro) e modernidade (calça engomada) (Melo, 1985, p. 129). Diziam da modernidade a nota sobre a aparência feminina e os cuidados com a roupa masculina, alisada mesmo que através de um processo tradicional, o engomar ou passar a ferro com água de goma de mandioca. Aquele autor repercutia, pelo dizer, uma imagem que arquitetava o Seridó e os seridoenses a partir das aparências dos seus abastados de fins do século XIX, tela que se reproduziria ao longo do século XX.

Através dos periódicos, o Seridó tomou conhecimento de acontecimentos modernos como as competições de cunho estético, pois o jornal O Povo noticiou, no mesmo ano de sua fundação, a realização de um evento dessa tipologia:

Concurso internacional de beleza – Deve realizar-se em Paris, neste mês, um concurso de beleza internacional, que promete ser muito concorrido. Diz-se já que aspiram aos primeiros prêmios mulheres de quase todos os países da Europa e da América.

As interessadas ou concorrentes deverão exhibir-se em público vários dias antes que o júri pronuncie o seu *veredicto*.

Por ocasião deste certame original verificar-se-ão em Paris festas brilhantes (O Povo, 21 set. 1889, p. 2, grifo nosso)

Na cidade de Caicó, desde 1916, surgiram os certames dessa categoria para mulheres e para homens, definindo-se enquanto concursos de beleza, de simpatia e de gentileza, simultaneamente ao aparecimento desse tipo de prática cultural em grandes centros urbanos brasileiros (Silva, 2015). Num período de onze anos, identificamos a realização de emulações de beleza organizadas por periódicos de Caicó, muitas vezes ocorridas no período da Festa de Sant’Ana, padroeira do lugar. No sertão do Seridó, a modernidade abria frestas na tradição instituindo competições estéticas até mesmo para os homens, o que destaca certo pioneirismo quando, no Brasil, a beleza masculina somente veio a ser louvada e premiada com título nacional em 1970, se cremos no que diz Denise Bernuzzi de Sant’Anna (2014)¹².

Um concurso de simpatia foi promovido pelo jornal O Binóculo, de Caicó, no ano de 1916, resultando ganhadores Maria Nóbrega e João Elpídio (O Binóculo, 30 jul. 1916, p. 3). No ano seguinte, o referido jornal organizou um concurso de fealdade para os homens e outro, de beleza, para as mulheres, sendo consagrados Manoel Domingos de Medeiros e Delmina de Araújo, respectivamente (O Binóculo, 13 maio 1917, p. 4; 29 jul. 1917, p. 1-2). Para o ano de 1920, o mesmo periódico promoveu uma competição de beleza para moças e rapazes, premiando nos primeiros lugares a Genorina Brito e Enico Monteiro (O Binóculo, 1 ago. 1920, p. 1-2).

O periódico caicoense Jornal das Moças também realizou competição inspirada nos atributos estéticos e comportamentais, avaliando-se as mulheres pela beleza e os homens pela gentileza. Assim, no ano de 1926, Thereza Dantas obteve

¹² Pedro Aguinaga foi eleito O Homem Mais Bonito do Brasil durante o programa de Flávio Cavalcanti, na TV Tupi (Sant’anna, 2014, p. 152).

mais votos no concurso de beleza, enquanto Eloy Cesino de Medeiros ganhou o concurso de gentileza (Jornal das Moças, 31 jul. 1926, p. 2). Um ano depois, o periódico O Binóculo escolheu a moça mais linda da Festa de Sant'Ana, padroeira de Caicó, título conquistado por Generosa Araújo (O Binóculo, 7 ago. 1927, p. 2).

Os eventos estéticos espalhavam-se pela região do Seridó na primeira metade do século XX, abrangendo das cidades às vilas. Conforme conta Joabel R. de Souza, durante a Festa de Sant'Ana, padroeira da cidade de Currais Novos, em 1926, a revista Ninho das Letras promoveu “concurso de beleza e elegância”, sendo categorizado por sexo, o de beleza para mulheres, que destacou Anna Vasconcelos, Zelinda Galvão e Leticia Pereira; e o de elegância para homens, classificando Elizio Vasconcellos, Leôncio Miranda e José Orestes (Souza, 2008, p. 76). Já na vila de São João do Sabugi, “a primeira eleição de inspiração estética deu-se no ano de 1937, quando Irene Lucena recebeu a faixa de Miss Sabugy” (Medeiros Filho, 2017, p. 28).

Ao mesmo tempo em que realizava concursos estéticos, os periódicos caicoenses apresentavam perfis e silhuetas das moças e dos rapazes do lugar, aconselhavam para o casamento, divulgavam as empresas comerciais, além de fazerem exortações de todo tipo, concernentes principalmente aos cuidados de si, como as práticas de higiene. Através dos jornais impressos circulavam informações e ideias que conectavam caicoenses e seridoenses ao que havia de mais moderno, ajudando a produzir uma imagem da região que tentava ser moderna. Mesmo ao falar de uma jovem mulher da zona rural, por exemplo, o texto jornalístico mesclava elementos tradicionais e modernos, como uma “Silhueta” publicada em O Binóculo:

A desenhada de hoje, por mercê de Deus, é belezinha: morena, olhos pretos, fisionomia alegre, boca pequenina e um dente de ouro abrilhanta sua alvíssima dentadura. Reside num sítio perto desta cidade.

O traje de sua predileção é sempre azul e um belo gorro de veludo, da mesma cor, confeita sua toilette.

É preciso acrescentar que a gentil morena é adorada por um rapazinho da Avenida Seridó (prédio cor de rosa) (O Binóculo, 12 set. 1920, p. 2)

Um artigo de O Binóculo fazia recomendações quanto à posição, à vestimenta e o local onde as mulheres deveriam dormir, relacionando higiene com beleza e saúde, conforme se vê aqui:

Nas mulheres, especialmente o costume de dormir em má posição afeta os nervos, e portanto a formosura. [...]

A camisa de dormir mais higiênica é a de algodão e tanto se deve usar no verão como no inverno, prescindindo-se das camisolas de flanela. Nunca se devem colocar sobre o travesseiro durante o dia, como geralmente costuma fazer, mas estendidas num ponto arejado.

A melhor maneira das senhoras comporem o cabelo para dormir é em tranças ligeiras.

As camas não devem ser demasiadas moles, para que o corpo se não enterre nelas. O rodearem das mulheres de almofadas é prejudicial, impede a ventibilidade e entorpece a circulação (O Binóculo, 21 maio 1916, p. 1)

As notas publicadas no jornal O Binóculo também desvelam o Seridó festivo do começo do século XX, indo dos acontecimentos sagrados aos profanos. Perpassando essas ocasiões de encontro e distração, os trabalhos voltados para as aparências e os discursos de modernidade. Como exemplo, podemos citar o Carnaval, que ganhava força em Caicó na década de 1920, atraindo foliões constituídos em blocos ou como brincantes avulsos, a envolver profissionais de moda nos lugares vizinhos e destacar as novidades trazidas pelo mundo moderno. Vejamos esse texto:

Sabemos que os *ateliers* das modistas de Acari já não comportam mais encomendas de roupas para o carnaval daqui. [...] Ninguém diria, apesar da adaptabilidade do nosso povo para as coisas modernas, que o Carnaval aqui fizesse tão depressa a sua entrada triunfal (O Binóculo, 23 jan. 1921, p. 1-2, grifo nosso)

O Jornal das Moças, periódico que adotou o nome da principal revista feminina do país, tinha a sua redação formada por mulheres, com alguns colaboradores masculinos, tanto realizava concursos quanto fazia exortações voltadas às aparências. Alguns dos textos publicados eram pinçados de periódicos do Rio de Janeiro, então capital federal, como a revista Vida Doméstica, mas grande parte dos ensaios dizia respeito à realidade da região, muitas vezes sugerindo a adequação dos costumes:

Nas cidades adiantadas, todas as escolas adotam um certo uniforme para os seus alunos. [...]

Os meninos que estudam num grupo escolar devem apresentar a mesma condição de pobreza [...], o mesmo uniforme, a mesma aparência e nada de vestidos caros, blusas bonitas ou qualquer uniforme que venha causar inveja aos demais necessitados.

Organizemos, portanto, o nosso Grupo Escolar ‘Senador Guerra’ com o seu vestuário conveniente para os que o frequentam, e desde já lembramos para as meninas vestido de fazenda marrom barato e blusa branca e para os meninos calça e blusa das mesmas fazendas e todos assim apresentarão o mesmo aspecto, a mesma conduta, a mesma igualdade de fortuna (Jornal das Moças, 22 ago. 1926, p. 1)

Na mesma página do referido jornal, outro texto criticava o vestir e o comportar-se dos homens jovens na igreja:

É superiormente lastimável assistirmos uma missa em Caicó nos domingos. Rapazes há que vão para a missa de alpercatas. Outros que ao penetrar na Igreja esquecem de que falar alto e pisar com força é uma impolidez e uma grande falta de civilidade. [...] Retifiquemos esta falta (Jornal das Moças, 22 ago. 1926, p. 1)

Nas duas citações anteriores, os textos jornalísticos chamavam a atenção para a necessidade de adaptar as práticas sociais e culturais aos novos modelos, cumprindo um papel pedagógico junto à sociedade.

Se os costumes antigos eram censurados, as vogas recentes recebiam louvações. Quando uma nova estética feminina apareceu, o Jornal das Moças tratou de tecer comentários positivos em suas páginas, enaltecendo o cabelo a *la garçone*:

A moda dos cabelos curtos continua com grande furor. Explica-se. É na verdade graciosa e higiênica, e além do mais torna as cabeças das mulheres muito mais leves, o que é deliciosamente encantador e feminino... [...]. Compreendida ou incompreendida, o certo é que a moda dos cabelos curtos triunfa e de uma maneira verdadeiramente avassaladora. [...]. Eis uma linda moda que acompanho com todo entusiasmo[...]. Além de sedutora e galante, está perfeitamente de acordo com o progresso e a evolução das épocas, pois é certo que cada vez se desprestigia mais o uso dos cabelos compridos e cada vez mais se valoriza o uso dos cabelos curtos (Jornal das Moças, 26 dez. 1926, s. p.)

As novidades divulgadas e comentadas nesse periódico repercutiam na região e retornavam ao jornal através de cartas remetidas pelos leitores, como certa “Roceira” que assinou a mensagem “Carta da Roça”, saudando o Jornal das Moças:

Vivemos numa época em que a mulher sertaneja pode expandir as suas ideias, o que há poucos anos era uma falta [do que] fazer. Mas com as evoluções dos tempos quando a mulher pode usar a cabeleira masculina, andar sozinha, trabalhar pelo bem comum, é justo que ela defenda os seus direitos e proclame bem alto as suas aptidões e deseje engrandecer-se também pela comunhão do espírito fundando elas mesmas este hebdomadário da imprensa feminina no Seridó ([1926], p. 2)

As aparências espargidas no periódico *Jornal das Moças* orientavam a população leitora no caminho para o desenvolvimento do lugar enquanto civilizado e moderno. Os cuidados com o parecer são apresentados como a senha para o tempo de novidades que se abria pelos olhos de quem lia os periódicos, informando-se e conhecendo outros modos de organizar as externalidades corporais e novas maneiras de comportar-se. Os impressos lançados periodicamente articulavam moda, comportamento, beleza e saúde, oferecendo aos seus assinantes ou leitores ocasionais uma ligação com as novidades que permeavam a vida nas cidades maiores. A esse respeito, podemos considerar como pertinente a reflexão de Kátia Solange Silva:

Constatamos que ideais de beleza, moda e novos costumes, característicos dos grandes centros, eram visíveis em Caicó, já que se apresentam como questões recorrentes nos periódicos. Talvez acessíveis somente à elite socioeconômica, essas novidades estavam articuladas com as ideias transformadoras, divulgadas pelos jornais intelectuais, que pretendiam modernizar a cidade (Silva, 2015, p. 102)

Eis que os periódicos tiveram relevância no Seridó, especialmente no Príncipe (Caicó), de onde se expandiam para as localidades circundantes, as outras cidades e povoações e suas adjacências, difundindo normas, valores, ideias, formas e linguagens. Conforme lembra Juciene Batista Félix Andrade, passando pelo século XIX, na centúria seguinte, “É no âmbito das crônicas veiculadas nos periódicos que a pequena parcela da ‘elite’ caicoense expunha e produzia suas imagens e discursos, consoantes às novas ideias de que a cidade era ‘progressista.’” (Andrade, 2011, p. 119).

A lista não exaustiva de acervos individuais, familiares e institucionais abre-se a novas buscas em outros arquivos, ampliando o leque de fontes para o percurso historiográfico. A leitura não hierarquizada dessa tipologia de fontes permite aproximarmos o olhar de uma sociedade que construía o seu espaço a partir de práticas culturais relacionadas às aparências, em que a moda e o comportamento associavam-se à modernidade. Vislumbramos por saias diáfanos que o Seridó se vestia com imagens e discursos modernos, sem destruir inteiramente a sua moldura

de tradição, mas acrescentando a ela outra camada, um novo halo, criando uma duplicidade aureolar, às vezes sobrepondo-se, noutras sendo sobreposta.

4. Costuras de mão: para concluir

Em julho de 2019, um cabeleireiro de Caicó idealizou o evento beneficente “Caicó cria, Paris copia”¹³, reunindo palestras sobre “automaquiagem, dicas de estilo e consultoria de imagem” (Lima, 8 jul. 2019). Reverberando em outros espaços virtuais, a proposta foi aplaudida mesmo após acontecer: “A terra do Arco do Triunfo, da melhor carne de sol do mundo, do melhor queijo de manteiga... dos bordados finos... do povo hospitaleiro... da Cachaça Samanaú. Somos de Caicó para o mundo” (Gregório, 20 jul. 2019). A frase, denotando certa autoestima local, fala do município que foi o primeiro da região – cuja jurisdição inicial abrangia os atuais limites territoriais do Seridó –, colocando-o à frente da capital ocidental do vestir.

Nos desdobramentos, (re)produziu-se o discurso das qualidades de Caicó e do Seridó, justificadas com produtos locais de boa repercussão para além dos limites do espaço seridoense. Assim, imagens e discursos de exaltação estética, dietética e comportamental continuam a ser produzidos para dizerem da região ao mundo.

Da escriturística à ritualística. Se as aparências colaboraram em vestir os corpos, ajustando-os às imagens sonhadas, as palavras contribuíram com a criação das marcas que vestiram a região como espaço inteligível, que se pode perceber pelas evocações e idealizações. Vestir os corpos com modas, modos e gestos podia ser como vestir o próprio Seridó com uma tela de imagens inscritas, pintadas, vistas e ditas. Evocar para ligar-se ao passado (a tradição), mas idealizar para buscar o futuro (a modernidade).

As maneiras de decorar o corpo enquanto região idealizada; os jeitos de enaltecer as qualidades e esconder os defeitos; as formas de movimentar o “eu” visto com encanto e graça: o espaço regional se povoava de seres orientados por

¹³ Inspirado em frase do caicoense Moka Dantas, o workshop cobrava de ingresso 2 kg de alimentos não perecíveis para a Casa de Caridade São Vicente de Paula, em Caicó, oferecendo as palestras: “Do sertão a Milão com estilo” (Patrícia Almeida); “Bonita o dia inteiro” (Sinval de Souza); e “Análise cromática” (Natália Calgaro) (Lima, 8 jul. 2019).

discursos escritos e imagéticos difundidos pela imprensa e pela fotografia. As poses, os gestos e as vestimentas parecem ganhar materialidade nos flagrantes fotográficos, assim como nos textos jornalísticos, se fazendo possível pela circulação de agentes da modernidade – os fotógrafos e os editores de jornais –, que faziam registros de um fenômeno oferecido às lentes como signo moderno, a moda e as aparências.

A teatralização da aparência, dada em pequenos e amplos círculos – das residências às comunidades, do privado ao público –, fornecia a argamassa para a edificação da região enquanto espaço que se corporifica por escritos e por rituais. O Seridó potiguar era inscrito na festa das regiões à medida que se movimentavam as mãos sobre o papel que se pintava de palavras, como também ao longo dos passos de caminhada dados sobre as passarelas dos concursos de beleza, desenhando gestos que se gravavam nas lembranças de quem desfilava e quem era plateia.

Agora, quando nos movemos rumo aos movimentos lineares e aos pivôs do ritual de pesquisa – idas e vindas –, ainda não nos cabe entoar os refrões apoteóticos das considerações finalizadoras. Sendo pesquisa que se faz no presente, seus resultados são inconclusivos, pois se mostram como impressões preliminares, precisando ser amadurecidas em estudos que prosseguem e se aprofundam. Por enquanto, entende-se que os modelos estéticos e comportamentais que circulavam nos periódicos seridoenses puderam ser corporificados, reproduzindo-se, ajudando a constituir discursos e imagens que construíram o espaço regional do Seridó do Rio Grande do Norte. Tradição e modernidade. Rejeição e desejo. E vice-versa.

REFERÊNCIAS

FONTES

JORNAL DAS MOÇAS, Caicó, ano 1, n. 28, p. 2, 31 jul. 1926.

JORNAL DAS MOÇAS, Caicó, ano 1, n. 31, p. 1, 22 ago. 1926.

JORNAL DAS MOÇAS, Caicó, ano 1, s. p., 26 dez. 1926.

JORNAL DAS MOÇAS, Carta da Roça, Caicó, ano 1, s. p., [1926].

O BINÓCULO, Caicó, ano 1, n. 2, p. 1, 21 maio 1916.

- O BINÓCULO, Caicó, ano 1, n. 12, p. 3, 30 jul. 1916.
- O BINÓCULO, Caicó, ano 2, n. 53, p. 4, 13 maio 1917.
- O BINÓCULO, Caicó, ano 2, n. 64, p. 1-2, 29 jul. 1917.
- O BINÓCULO, Caicó, ano 4, n. 122, p. 1-2, 1 ago. 1920.
- O BINÓCULO, Caicó, ano 4, n. 128, p. 2, 12 set. 1920.
- O BINÓCULO, Caicó, ano 4, p. 1-2, 23 jan. 1921.
- O BINÓCULO, Caicó, ano 5, n. 173, p. 2, 7 ago. 1927.
- O POVO, Príncipe, ano 1, n. 29, p. 2, 4, 21 set. 1889.
- O POVO, Seridó, ano 2, n. 10, p. 4, 1 jun. 1890.
- O POVO, Seridó, ano 2, n. 13, p. 4, 22 jun. 1890.
- O POVO, Seridó, ano 2, n. 16, p. 4, 13 jul. 1890.
- O POVO, Caicó, ano 2, n. 32, p. 4, 2 nov. 1890.
- O POVO, Caicó, ano 2, n. 38, p. 4, 14 dez. 1890).
- O POVO, Caicó, ano 2, n. 40, p. 4, 28 dez. 1890).
- O POVO, Seridó-Príncipe, ano 1, n. 1, p. 4, 9 mar. 1889.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 1999.

ANDRADE, Juciene Batista Félix. A cidade de Caicó nos periódicos dos anos 1920. In: MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de; ARAÚJO, Marcos Antônio Alves de; SANTOS, Rosenilson da Silva (Orgs.). **Seridó Potiguar: tempos, espaços, movimentos**. João Pessoa: Ideia, 2011. p. 117-133.

ARAÚJO, Francisco Hermínio Ramalho de; DINIZ, Marco Túlio Mendonça. **Geografia do Seridó Potiguar**. [Caicó: s. n., 2019]. Disponível em: file:///C:/Users/Usuario/Downloads/Produto_Educacional_de_Francisco_Hermínio__Livro-Geografia_do_Serid_Potiguar%20(1).pdf. Acesso em: 26 set. 2022.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. 17 ed. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Nomes da terra**: História, Geografia e Toponímia do Rio Grande do Norte. Natal: Fundação José Augusto, 1968.

DANTAS, Eugênia Maria; MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. Migração e crescimento urbano: o Seridó potiguar em análise. **Scripta Nova**, Universidade de Barcelona, n. 94, [s. p.], 1 ago. 2001. Disponível em: <https://www.ub.edu/geocrit/sn-94-75.htm>. Acesso em: 27 out. 2023.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Ano Zero – Rostidade. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**. Vol. 3. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira e Suely Rolnik. São Paulo, [s. n.], 1996. p. 31-61.

FARIA, Juvenal Lamartine de. **Velhos Costumes do Meu Sertão**. 3 ed. Natal: Sebo vermelho, 2006.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

GREGÓRIO, Heitor. Caicó cria, Paris copia. **Blog do Heitor Gregório**. Caicó, 20 jul. 2019. Disponível em: <https://blog.tribunadonorte.com.br/heitorgregorio/caico-cria-paris-copia/>. Acesso em: 11 nov. 2023.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Loyola, 1992.

LIMA, Gláucia. Sinval Souza, consultora de imagem e personal stylist promovem nesta segunda, 08, workshop “Caicó cria, Paris copia”. **Blog da Gláucia Lima**. Caicó, 8 jul. 2019. Disponível em: <https://glacialima.com/2019/07/08/sinval-de-souza-consultora-de-imagem-e-personal-stylist-promovem-nesta-segunda-08-workshop-caico-cria-paris-copia/>. Acesso em: 11 nov. 2023.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas. Tradução de Maria Lúcia Machado. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

LUCA, Tania Regina de. Fontes impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2014.

MACÊDO, Muirakytan Kennedy de. Cultura e Identidade no Seridó. In: **Plano de Desenvolvimento Sustentável da Região do Seridó do Rio Grande do Norte**. Vol. I: Diagnóstico. Caicó: 2000.

MACÊDO, Muirakytan Kennedy de. Do Seridó. No Rio Grande do Norte. **Perigo Iminente**. Natal: Flor do Sal, v. 2, p. 31-33, mar. 2012.

MEDEIROS FILHO, João Quintino de. **Rainhas, reinados, ritos e cortes: eleições e aclamações das soberanas da Festa do Glorioso São João Batista, Excelso Padroeiro de São João do Sabugi-RN (1985-2016)**. Natal: Offset, 2017.

MEDEIROS FILHO, Olavo de. **Caicó, cem anos atrás**. Natal: Sebo Vermelho, 2004.

MEDEIROS NETA, Olívia Moraes de. **Escrita (de)marca espaços: a historiografia e a produção do Seridó potiguar**. [s. l.: s. n., s. d.]. Disponível em: <https://docplayer.com.br/43114526-Escrita-de-marca-espacos-a-historiografia-e-a-producao-do-serido-potiguar-1.html>. Acesso em: 5 nov. 2023.

MELO, Manoel Rodrigues de. **Patriarcas e carreiros: influência do coronel e do carro de boi na sociedade rural do Nordeste**. 3 ed. Natal: Editora Universitária, 1985.

ROCHE, Daniel. **A cultura das aparências: uma história da indumentária (séculos XVII-XVIII)**. Tradução de Assef Kfourri. São Paulo: Editora Senac, 2007.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **História da beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.

SILVA, João Melchíades Ferreira da. **História sertaneja do valente Zé Garcia**. São Paulo: Luzeiro, 2011.

SILVA, Kátia Rejane. **A beleza nos periódicos “O Binóculo” e “Jornal das Moças” (Caicó-RN, 1916-1927): repertório de fontes jornalísticas**. 115 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó, 2015.

SOUZA, Joabel R. de. **Sant'Ana, uma bela festa; uma longa história**. Currais Novos: [s. n.], 2008.

TURIM, Maureen. **Sedução e elegância: a nova mulher da moda no cinema mudo**. In: BENSTOCK, Shari; FERRISS, Suzanne (Orgs.). **Por dentro da moda**. Tradução de Lúcia Olinto. Rio de Janeiro: Rocco, 2002. p. 155-175.